

MEMÓRIAS DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

MEMORIES OF EDUCATIONAL PRACTICES OF PHYSICAL EDUCATION TEACHERS
AT SCHOOL

Natanael Vaz Sampaio Junior¹
<https://orcid.org/0000-0003-3060-3059>

Felipe Eduardo Ferreira Marta²
<https://orcid.org/0000-0002-0501-4298>

Coriolano P. da Rocha Junior³
<https://orcid.org/0000-0001-8228-2088>

Resumo: O objetivo deste estudo foi identificar nas memórias de professores de Educação Física, desde o tempo de escolarização até as etapas profissionais, referências que podem ter influenciado suas práticas educativas, a fim de analisar as permanências e as mudanças ocorridas no trabalho educativo. A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Jequié, município do interior da Bahia, com professores de Educação Física formados a partir da década de 1980. Caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa que se pauta na História Oral como método de coleta de e análise de dados, juntamente com a produção na área. Para este artigo usamos como referência o ponto de vista de três sujeitos, três professores de Educação Física que narraram suas histórias de vida, permitindo perceber em suas trajetórias profissionais a forte influência exercida pelo esporte de alto rendimento, algo que acreditamos refletir a realidade de muitas aulas de Educação Física nas escolas públicas da cidade.

Palavras-chave: Memória. Práticas Educativas. Educação Física.

Abstract: The objective of this study was to identify, in the memories of Physical Education teachers, from the time of schooling to their professional stages, references that may have influenced their educational practices, in order to analyze the permanences and changes that occurred in educational work. The research was conducted in the city of Jequié, a municipality in the interior of Bahia, with Physical Education teachers trained from the 1980s onward. It is characterized as a qualitative research approach that is based on Oral History as a method of data collection and analysis, along with production in the area. For this article, it was used as a

¹ Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - PPGMLS-UESB). Auxiliar de esportes da Prefeitura Municipal de Jequié e professor regente da Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Componente do Grupo de Pesquisa CORPO. Jequié, Bahia, Brasil.

² Doutor em História. Professor pleno da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Docente do Programa de Pós-Graduação em Memória: linguagem e sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGMLS-UESB). Ilhéus, Bahia, Brasil.

³ Doutor em História Comparada. Docente da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação – Universidade Federal da Bahia. Coordenador do Grupo de Pesquisa CORPO. Salvador. Bahia, Brasil

reference the perspective of three subjects, three Physical Education teachers who narrated their life stories, allowing us to perceive in their professional trajectories the strong influence exerted by high-performance sport, something we believe reflects the reality of many Physical Education classes in the city's public schools.

Keywords: Memory. Educational Practices. Physical Education.

INTRODUÇÃO

Os desafios encontrados no âmbito da cultura escolar, sobretudo para legitimar ações do componente curricular Educação Física, favoreceram o desenvolvimento deste estudo pautado nas memórias de professores de Educação Física cujas práticas educativas são desenvolvidas em unidades escolares de natureza jurídica pública estadual no município de Jequié, no Estado da Bahia.

O estudo desta temática pautou-se na análise do cenário de atuação profissional, na área de Educação Física escolar no município de Jequié – BA, a partir do final da década de 1980, quando se percebe, na realidade municipal, sobretudo no âmbito escolar, um momento favorável à formação profissional, devido ao número insuficiente de profissionais com formação superior em Educação Física, frente ao crescente número de unidades escolares, propiciando aos professores recém-formados no Curso de Educação Física da Universidade Católica do Salvador – UCSAL⁴, com residência na cidade de Jequié, o acesso ao mercado de trabalho escolar.

Outro aspecto relevante, no que tange ao período estudado, se refere à adoção do esporte como o conteúdo mais difundido nas aulas do componente curricular Educação Física, se tornando quase exclusivo, o que agiu no sentido de favorecer a contratação de atletas e ex-atletas, profissionais sem formação acadêmica na área de Educação Física, por algumas unidades escolares de natureza jurídicas privada, colaborando para que essas pessoas experimentassem o exercício da docência de maneira eminentemente técnica, reproduzindo o esporte na escola, sob o viés do rendimento, refletindo uma imagem positiva da escola, através das conquistas também no campo esportivo.

Nesse sentido, ao se trazer à tona, através da memória, questões que envolvem as práticas educativas de professores de Educação Física, foi possível também reconhecerem-se as trajetórias históricas dos profissionais entrevistados, e assim estabelecer relações entre os caminhos percorridos por cada pessoa, desde o período de escolarização (inclusa a formação superior) e seus impactos na atuação profissional.

Os resultados apresentados são fruto de uma investigação mais ampla, desenvolvida com o intuito de analisarem-se as circunstâncias em que ocorreram a formação e a constituição das práticas educativas de professores de Educação Física, tornando possível se estabelecer um panorama da área, mesmo que restrito ao município de Jequié, que sirva de inspiração para estudos dessa natureza em outros locais.

4 Universidade Católica do Salvador – UCSAL foi a primeira instituição a implantar o Curso de Educação Física no Estado da Bahia, com a aprovação pelo Conselho Universitário em 27 de dezembro de 1972, e sua efetivação em 11 de janeiro de 1973, sendo a única Universidade a propiciar a referida formação até o final da década de 1980.

Dessa maneira, com o intuito de investigar a realidade das práticas educativas dos professores de Educação Física e delimitar a problemática deste estudo, considerou-se o seguinte problema de pesquisa: Que memórias os professores de Educação Física carregam a respeito das práticas educativas, no âmbito escolar, desde a fase de escolarização à formação e atuação profissional?

Baseado nesse questionamento, nosso objetivo foi identificar, nas narrativas de história de vida dos professores de Educação Física, portanto, em suas memórias, aspectos referentes às práticas educativas, desde a fase de escolarização à formação e atuação profissional, a fim de que se analisem as permanências e as mudanças dessas práticas, no desenvolvimento do trabalho educativo.

ASPECTOS TEÓRICOS - METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A ideia de analisar as práticas educativas dos professores de Educação Física, com base nas narrativas individuais dos atores que compuseram este estudo, nasceu da compreensão que se tem de que tais narrativas são fruto das memórias voluntárias⁵ desses profissionais, evocadas durante as entrevistas, sobretudo as referentes ao período de escolarização e de formação profissional, permitindo-se que, através delas, se captassem as memórias que persistiram da atuação profissional no mercado de trabalho.

As narrativas de episódios passados, apontados no desenvolvimento desta pesquisa, não foram estimuladas com intuito de se ocupar somente do passado dos professores de Educação Física, mas, sim, de recompor esses episódios passados no presente, com aspectos das histórias de vida desses atores sociais, a respeito da formação educacional e das práticas educativas desenvolvidas no âmbito escolar, buscando captar, essas lembranças, comparativamente, ao longo do tempo.

Para tanto, as reflexões sobre as práticas educativas dos professores de Educação Física estão alicerçadas em alguns pressupostos teóricos, conforme veremos a seguir. No que tange ao currículo e às orientações curriculares, as discussões foram pautadas em Andrade (2009), Brasil (2008), Erguita (2013) Gimeno Sacristán (2000), Goodson (2012). No que se refere a aspectos conceituais de termos sociológicos pautaram-se em Foucault (2011) e Williams (1979). Já para as discussões acerca da Educação Física e Esporte, as reflexões pautaram-se em Bourdieu (1990) e Tabora de Oliveira (2001), bem como em fragmentos extraídos das entrevistas realizadas com dois professores de Educação Física. Além disso, destacam-se também as reflexões sobre memória, que partem de pressupostos teóricos defendidos por Halbwachs (2003), que permitem a análise das práticas educativas em suas múltiplas temporalidades.

Partindo-se dessa premissa, acredita-se ser necessária a compreensão de que as práticas educativas não estão dissociadas das discussões de currículo, tampouco de circunstâncias

⁵ “Memória voluntária” é uma expressão que parte da obra de Deleuze, “que vai de um presente atual a um presente que ‘foi’, isto é, a alguma coisa que foi presente, mas que não o é mais. O passado da memória voluntária é, pois, duplamente relativo: relativo ao presente que foi, mas também relativo ao presente com referência ao que é agora passado. O que equivale a dizer que essa memória não se apodera diretamente do passado: ela o recompõe com os presentes” (Deleuze, 2010, p.54).

externas ao âmbito escolar. Nesse sentido, compreende-se o currículo na qualidade de artefato social⁶, que exprime desejos que estão sujeitos aos efeitos dados pelos reordenamentos sociais e suas contradições.

Esses reordenamentos exigem transformações em diversos setores sociais, que vão determinar a formação de mão-de-obra qualificada para atuar no mercado de trabalho, sujeitando-as às exigências do mundo do trabalho, não como um fator determinante, mas como fator que exerceu influência na política educacional brasileira e, conseqüentemente, na constituição dos currículos de formação e na organização do trabalho, onde a educação assumia a incumbência de formar as novas qualidades e competências do novo trabalhador, capaz de assegurar a política vigente (Andrade, 2009).

Apesar da premência do novo trabalhador, com perfil capaz de abstrair, de selecionar, de dar tratamento e interpretação às informações, não tem como este ser gerado dentro de determinadas empresas ou instituições sociais em curto espaço de tempo, cabendo ao sistema educacional regular o desenvolvimento de habilidades pautadas em currículos que demonstram uma dimensão mais dinâmica, em que os conhecimentos não sejam corporificados como algo imutável, mas susceptíveis às alterações e às mudanças que permitam perceber tais transformações. Nesse sentido, Goodson (2012) nos diz que:

O currículo tal como o conhecemos atualmente não foi estabelecido, de uma vez por todas, em algum ponto privilegiado do passado. Ele está em constante fluxo e transformação. De forma igualmente importante e relacionada, é preciso não interpretar o currículo como resultado de um processo evolutivo, de continuo aperfeiçoamento em direção a formas melhores e mais adequadas. Uma análise histórica do currículo deveria, em vez disso, tentar captar as rupturas e disjunções, surpreendendo, na história, não apenas aqueles pontos de continuidade e evolução, mas também as grandes descontinuidades e rupturas (Goodson, 2012, p. 07).

A importância de um processo de reconhecimento de construção curricular dentro de um determinado contexto, expressa uma tradição⁷ que, por certo, delibera de maneira intencional, valores e costumes de uma determinada classe social a outrem, entretanto “qualquer tradição [...] é um aspecto da organização social e cultural contemporânea, no interesse do domínio de uma classe específica” (Williams, 1979, p. 119).

Diz, ainda, o autor que:

Qualquer processo de socialização inclui, é claro, coisas que todos os seres humanos têm de aprender, mas qualquer processo específico une esse aprendizado necessário a uma variação selecionada de significados, valores e práticas, que, na intensidade mesma de sua associação com o aprendizado necessário, constitui a base real do hegemônico (Williams, 1979, p. 120).

6 Gimeno Sacristán (2000) se utiliza do termo artefato social para designar todo e qualquer objeto produzido historicamente pelo homem, fruto de uma construção social.

7 Raymond Williams (1979, p.118) afirma que a tradição é, na prática, a expressão mais evidente das pressões e dos limites dominantes e hegemônicos. É sempre mais do que um segmento inerte historicizado; na verdade, é o meio prático de incorporação mais poderoso. O que temos de ver não é apenas ‘uma tradição’, mas uma tradição seletiva: uma versão intencionalmente seletiva de um passado modelador e de um presente pré-modelado, que se torna poderosamente operativa no processo de definição e identificação social e cultural.

Nesse sentido, na visão de tradição apontada por Williams, um artefato social como o Currículo deveria se constituir ou poderia ser visto como um produto pronto e, conseqüentemente, como um conjunto de saberes selecionados para serem transmitidos por gerações, sendo visto como se fosse verdade absoluta. Essa transmissão de saberes evidencia pressões advindas de classes hegemonicamente dominantes, de maneira a ser reproduzido mecanicamente e totalmente desvinculado da realidade social e cultural dos educandos.

Apesar da compreensão que se tem do currículo como artefato construído socialmente, ele não deve ser compreendido como conceito, “mas uma construção cultural. Isto é, não se trata de um conceito abstrato que tenha algum tipo de existência fora e previamente à experiência humana. É, antes, um modo de organizar uma série de práticas educativas” (Grundy *apud* Gimeno Sacristán, 2000, p. 14).

Por isso, as reflexões iniciais deste tópico foram feitas com a intenção de demonstrar que as orientações curriculares estão pautadas em uma discussão de currículo e que este, se é parte indissociável da estrutura escolar, deve ser compreendido, na qualidade de documento que exprime desejos, geralmente coordenados e deliberados por políticas de governo, está longe de traduzir um caráter ingênuo, logo, sujeito às intervenções, reelaborações e direcionamentos de determinados setores da sociedade.

É importante frisar que ao discorrer sobre as práticas educativas dos professores de Educação Física, focamos nossas reflexões nas narrativas dos professores desta área sobre as práticas educativas desenvolvidas nas unidades escolares em que atuam, quando buscamos perceber os aspectos que nortearam a construção das propostas pedagógicas, confrontando essas práticas educativas com as orientações curriculares para o ensino médio e, desta maneira, nos foi possível observar as visões que persistem nas aulas do referido componente curricular.

Esta pesquisa, ao optar por trazer as narrativas dos professores sobre as práticas educativas propostas nas aulas de Educação Física escolar, de modo a reavivar em suas memórias as atividades vividas durante suas experiências profissionais, permitiu reconhecer que não bastam as recordações de acontecimentos passados, para que essas lembranças se corporifiquem no presente, com exatidão. É necessário que as recordações de outros atores sociais favoreçam a formação de uma consistente massa de lembranças acerca dessas práticas. Nesse sentido, buscou-se justificativa para este posicionamento nos estudos de Halbwachs, quando afirma que:

[...] se a nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas (Halbwachs, 2003, p. 29).

Outro aspecto que se destaca neste tópico refere-se à possibilidade de se estabelecerem paralelos entre as narrativas e as orientações curriculares, pela compreensão da importância de tais documentos, em especial, pelo fato dessas orientações terem sido fundamentadas nos esforços coletivos da comunidade acadêmica e escolar, que se propuseram a estabelecer diálogos contínuos sobre as práticas pedagógicas da Educação Física no âmbito escolar, se constituindo em documentos que orientam as disciplinas escolares, dando autonomia aos professores, para que construam, dentro das suas possibilidades e peculiaridades, propostas pedagógicas para a

área, baseadas em temas que traduzam suas experiências, e que, além disso, se aproximem das realidades sociais dos educandos e educandas (Brasil, 2008).

Alguns aspectos contidos nas orientações curriculares foram apresentados aos professores de Educação Física, que também narraram suas experiências no âmbito escolar.

É importante destacar que tais documentos, em especial a parte que trata da Educação Física, encontram-se amparados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de nº 9.349/96, na Resolução do Conselho Nacional da Educação Básica, de nº 3, de junho de 1998, que define as Diretrizes Nacionais do Ensino Médio; e no Decreto Lei nº 10.793/03, que trata da isenção das práticas corporais nas aulas de Educação Física para os educandos e educandas que se julgarem incapazes para vivenciar as atividades. Todavia, esse último dispositivo, foi questionado com veemência no documento, por se tratar de aspectos superados no âmbito escolar, ou seja, a escola deve incluir, e não se utilizar de dispositivo para ratificar a exclusão.

Tal documento traz à tona discussões sobre a identidade⁸ da Educação Física em contextos históricos diversos, ocorridos desde os anos 1800 até a década de 1980. Essa identidade perpassa os papéis atribuídos à Educação Física, no cenário escolar, como: preparação de corpos para o mundo do trabalho; eugenia e assepsia de corpos, buscando a depuração da espécie humana frente às exigências da classe dominante; formação de atletas, bem como, instrumento de disciplinarização e interdição do corpo (Brasil, 2008).

As identidades assumidas pela Educação Física escolar na história da Educação brasileira refletiam os desejos das classes no poder, sem ter a preocupação com processos educativos que libertassem os sujeitos, ao invés de aprisioná-los em diretrizes curriculares impostas ao processo de escolarização, em que a produção de discursos ideológicos e a intervenção sobre o corpo social se tornavam mais evidentes, transmitindo aos sujeitos do processo de constituição social, neste caso, aos educandos e educandas, visões utópicas e distorcidas da realidade social e, assim, transformando-os em objetos de controle.

Esse discurso de interdições e controle social sobre o corpo foi analisado nos estudos de Foucault (2011, p. 132), que apontam para “uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder [...]. Ao corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil ou cujas forças se multiplicam”.

Diz, ainda, o autor que:

[...] em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhes impõem limitações, proibições ou obrigações. [...] não se trata de cuidar do corpo, em massa, a grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável, mas trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao mesmo tempo ao nível da mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. O objeto, em seguida, do controle: não, ou não mais, os elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é a do exercício (Foucault, 2011, p. 132-133).

8 O termo identidade não está apresentado no texto na qualidade de categoria de análise, mas, sim, faz referência à forma com a qual o documento das Orientações Curriculares para o Ensino Médio cita o termo.

Portanto, a identidade da Educação Física, nas orientações curriculares, parece buscar superar esses efeitos nocivos provocados historicamente, a partir da compreensão de que as práticas corporais desenvolvidas no âmbito escolar devem-se configurar em um conjunto de saberes capazes de propiciar, a estudantes, aprendizagens que lhes possibilitem intervir na realidade social, ou seja, professores e professoras de Educação Física devem entender a escola como espaço de construção de saberes, e também de contradições e de lutas contra os valores propagados pelas classes dominantes.

Nas orientações curriculares, as discussões perpassam pela ideia de uma escola entendida como espaço sociocultural e de diversidade, capaz de apresentar às novas gerações saberes que possibilitem a formação de indivíduos aptos a intervir na sociedade. A esse respeito, o fragmento do trecho das orientações curriculares aponta que:

Pensar a escola como espaço sociocultural nos remete à responsabilidade de refletir sobre qual tratamento dado a cultura estamos defendendo. A escola torna-se, nessa perspectiva, um grande projeto cultural, que apresenta às novas gerações uma gama de saberes, conhecimentos e valores. Mais do que isso, aponta caminhos e instaura relações com o saber, com a cultura e com as pessoas. A escola produz toda uma dinâmica cultural que institui visões de homem, de mulher, de mundo e de sociedade [...] (Brasil, 2008, p. 219).

Nesse sentido, as orientações curriculares emergem das preocupações dos trabalhadores em Educação, com as políticas de currículos destinadas aos setores (em especial ao ensino médio), que se preocupavam com os ordenamentos impostos pelas demandas sociais, preparando alguns estudantes para o ingresso ao espaço acadêmico e conseqüentemente à formação profissional qualificada e reservada a poucos, em detrimento da grande massa de educandos e educandas que ingressavam e ingressam no mercado de trabalho, sujeitos a estagnações e comodismos e, por assim dizer, propensos a explorações.

Dessa forma, a visão proposta nas orientações curriculares, pressupõe a:

[...] superação de um modelo dual e elitista de escolas que ainda vigora, modelo esse pautado por uma educação propedêutica, preparatória para o vestibular para alguns e preparatória para a entrada acrítica no mundo do trabalho para outros, exclusividade para os mais pobres (Brasil, 2008, p. 223).

Percebe-se ainda que, na proposta do Governo Federal, as orientações quanto ao trato com os conhecimentos/conteúdos da Educação Física, diferem das propostas feitas nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, inclusive, no que se referem as literaturas que fazem proposições para a referida área de conhecimento, mas sugerem que sejam socializadas pelos profissionais de Educação Física atendo-se ao conjunto de manifestações culturais historicamente produzidas pela humanidade.

É importante considerar-se que não se constitui objetivo das orientações curriculares, proposições que apontem para a seleção e sistematização de conteúdos, sequências didático-pedagógicas e metodologias, mas, sim, a indicação a respeito da importância em se analisarem aspectos culturais que envolvam o processo de aprendizagem, sobretudo que valorizem as culturas regionais. Tais preocupações estão demonstradas nos trechos das orientações seguintes.

[...] os conteúdos da Educação Física são constituídos a partir de uma multiplicidade de práticas corporais produzidas no interior de contextos culturais diferenciados. Portanto,

essas práticas corporais são também práticas culturais, visto que são um produto das relações travadas entre diferentes sujeitos. Justamente por constituírem uma produção cultural, as práticas corporais carregam consigo um conjunto de valores, sentido e significados vinculados aos sujeitos que as produzem/reproduzem. [...] Neste sentido, concluímos que é muito mais rica a tentativa de sistematizar aquilo que as comunidades praticam do que impor pacotes de atividades institucionalizadas, universais. Não se trata de impedir o acesso a outras práticas corporais existentes em qualquer parte do mundo. O acesso a práticas corporais de outras regiões e mesmo países ganha sentido justamente quando elas nos levam a pensar sobre as diferenças entre as culturas e como essas diferenças formam nossa identidade, de forma que, no contato com o "outro", aprendemos sobre nós mesmos [...] (Brasil, 2008, p. 226-227).

A partir dessas reflexões, analisam-se as narrativas dos professores de Educação Física que atuam em unidades escolares de natureza jurídica pública estadual, coletadas para esta pesquisa. Privilegiamos docentes que se formaram entre o final da década de 1980 e a primeira metade da década dos anos 2000, por entender que seus olhares traduziriam melhor a formação em Educação Física naqueles períodos históricos.

A escolha desse período está relacionada ao momento histórico vivido pela Educação Física no município de Jequié/Bahia, quando iniciou um aumento significativo em número de profissionais com nível superior em Educação Física, atuando nas Escolas Públicas Estaduais no município em evidência e sede do Núcleo Territorial de Educação - NTE 22, portanto, lócus desta pesquisa.

Dos contatos estabelecidos, utilizaram-se apenas as narrativas de 03(três) professores para este estudo, todos do sexo masculino, mas que não se constituiu em escolha intencional e, sim, pelas dificuldades encontradas com algumas professoras de agendamento para a realização das entrevistas e, em outros casos, por não aceitarem fazer parte do estudo.

Diante da especificidade da natureza deste estudo, percorreu-se o caminho metodológico pautado em uma pesquisa de abordagem qualitativa, utilizando-se da História Oral como recurso teórico-metodológico. A opção pela História Oral se deu em função de sua potencialidade, no que se refere à apreensão das trajetórias de vida, valorizando-se as narrativas individuais em detrimento do exclusivismo da estrutura social (Meihy; Holanda, 2013), mas também por reconhecer que não é pretensão desta pesquisa construir a história das práticas educativas, tampouco da Educação Física em aspecto *lato* e, sim, aproximar-se de um cenário mais *stricto*, com base nas entrevistas de pessoas que vivenciaram o contexto histórico da cidade de Jequié, no período estudado. Portanto, a utilização da História Oral permitiu o acesso à oralidade e à memória de diferentes atores sociais, trazendo à tona:

[...] uma espécie de semente da rememoração a este conjunto de testemunhos exteriores a nós para que ele vire uma consistente massa de lembranças. Ao contrário, quando uma cena parece não ter deixado nenhum traço em nossa memória, se na ausência dessas testemunhas nos sentimos completamente incapazes de reconstruir qualquer parte dela, os que um dia a descrevem poderão até nos apresentar um quadro muito vivo da cena – mas este jamais será uma lembrança (Halbwachs, 2003, p. 33).

Pautou-se em preceitos da História Oral, considerando-se as narrativas de história de vida dos atores sociais participantes, em que foram pontuados cronologicamente os momentos narrados, de modo que as narrativas fluíssem naturalmente. A esse respeito, afirma Thompson que a "história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito

com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história” (Thompson, 1992, p. 22).

No início da entrevista, solicitou-se dos entrevistados a autorização verbal para a utilização dos seus nomes e das informações prestadas. Além disso, utilizou-se o termo de consentimento livre e esclarecido.

As questões norteadoras tiveram como foco: 1) o início do processo de infância; 2) as aproximações com a Educação Física na fase escolar, analisando-se as visões que persistiam das práticas educativas na fase de escolarização; 3) a formação intelectual e profissional em Educação Física; 4) e o mercado de trabalho, observando-se as visões que persistem das práticas educativas.

No diz respeito à análise dos dados coletados durante as entrevistas e, posterior transcrição, foram realizados fichamentos detalhados dos relatos prestados pelos professores de Educação Física de maneira isolada, buscando-se construir, com base no conjunto das narrativas, as memórias presentes desses atores sociais, ou seja, as lembranças revividas no momento das entrevistas e, assim, coletando-se informações que se aproximassem das questões estabelecidas no roteiro e que alcançassem os objetivos da pesquisa, relacionando-as com a literatura especializada.

DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS PASSADAS AO PRESENTE: REMINISCÊNCIAS DE PROFESSORES

Nas narrativas obtidas durante as entrevistas, algo que nos chamou a atenção foi justamente a visão de currículo para a Educação Física Escolar, presente no período de escolarização dos participantes da pesquisa. Tal visão caracterizou-se por expressar aspectos sociais ditados pela Ditadura Civil e Militar em uma relação estreita com o sistema de escolarização. Os métodos ginásticos implantados pelas instituições militares nas aulas de Educação Física, conduzidas por militares, mas, também, por professores civis que incorporaram essa concepção, foram os aspectos mais referenciados durante duas das três entrevistas utilizadas na confecção do presente estudo.

A primeira narrativa que possibilitou perceber a influência dos métodos ginásticos enfatizados pelos militares foi a do professor Franck Nei Monteiro Barbosa, no momento em que ele relatou como as aulas eram conduzidas pelos professores de Educação Física civis, no Instituto de Educação Régis Pacheco - IERP, em que os conhecimentos enfatizados se restringiam à ginástica calistênica, a corrida e ao esporte, representados na monocultura do futebol.

[...] Eu lembro que a gente fazia calistenia, os exercícios de calistenia, né? [...] Mas a gente fazia muito exercício de calistenia, a gente trabalhava muito também com corridas, e raramente, mas, muito raramente, uma brincadeira diferente [...]. E tinha futebol, mas futebol infelizmente só jogava quem era os selecionados pela escola, né? Vamos dizer assim, e o que jogava mais não deixava quem jogava menos jogar⁹.

9 Franck Nei Monteiro Barbosa é licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB – Campus de Jequié. Professor da UESB e do Colégio da Polícia Militar Professor Magalhães Neto.

O professor Alberto José Andrade Ferreira¹⁰ acrescentou um novo elemento à narrativa, pois, sinalizou o momento de transição entre a influência dos militares e o início de uma prática educativa que se pautava na Educação Física Desportiva Generalizada, como mostra o fragmento de sua narrativa:

Justamente. Essa com os vestígios da Educação Física militar e com aquela mudança da Educação Física militar pra, eh, pra Educação Física da prática desportiva, eu ainda peguei aquela fase que só ia pra equipe de esporte quem tinha uma determinada habilidade num determinado esporte, não era todo mundo. Por exemplo, o que se destacava, o professor tirava da aula de Educação Física, ele, os outros continuavam praticando esporte dentro da aula de educação física, mas na equipe de, da escola, eh, o professor selecionava os melhores atletas. Então, o cunho era realmente rendimento, mas não rendimento, aquele alto rendimento, mas sim rendimento¹¹.

Percebe-se então que as narrativas dos dois professores evidenciaram pontos de convergência nas análises das aulas desenvolvidas na área de Educação Física durante o período de escolarização, demonstrando com clareza os pontos de contato entre essas lembranças, favorecendo que se constituam em uma memória coletiva dos professores de Educação Física, em relação às influências das instituições militares nas práticas educativas.

A relação entre as lembranças individuais passadas de fatos ou episódios comuns consistem em uma memória coletiva, conforme apontado nos estudos desenvolvidos por Halbwachs (2003), quando afirma que:

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum (Halbwachs, 2003, p. 39).

Dessa maneira, os fatos constatados nas entrevistas e ora citados ratificam a ideia das intervenções e influências dos militares sobre o processo de formação educacional no componente curricular Educação Física, mas, também, sinalizam a necessidade de adequação das escolas aos ordenamentos mundiais daqueles momentos históricos, favorecendo uma apropriação de outros conhecimentos da cultura corporal pela referida área.

Então, as discussões sobre currículo ficavam restritas à transmissão de conhecimentos que, muitas vezes, eram distantes da realidade social dos educandos, ou seja, “não falamos de aprendizagem, e sim de ensinamento, isto é, de uma ação consciente, deliberada e encaminhada para que a aprendizagem siga certas pautas e alcance certos objetivos” (Enguita, 2013, p. 54).

Percebe-se, então, que os objetivos estabelecidos para a Escola estão, muitas vezes, distantes da realidade material dos educandos e das educandas, sobretudo quando se constata que a Escola se constituiu, ao longo da história, lócus de controle social e de reprodução de valores da sociedade, que buscou se adequar ao modo de produção capitalista e, como a Educação Física

10 Alberto José Andrade Ferreira é licenciado em Educação Física pela Universidade Católica do Salvador – UCSAL. Professor do Centro Estadual de Educação Profissional Régis Pacheco – CEEP da cidade de Jequié/Bahia.

11 Extraído da fala do professor Alberto José Andrade Ferreira em entrevista concedida a este pesquisador em 12 de Agosto de 2014 no Centro Estadual de Educação Profissional Régis Pacheco – CEEP da cidade de Jequié/Bahia.

estava no contexto de uma política educacional, aproveitou o momento para incorporar o esporte como conteúdo mais enfatizado, tendo como parâmetro o rendimento.

Segundo Bourdieu (1990, p. 208), “é preciso relacionar esse espaço de esporte como o espaço social que se manifesta nele”, ou seja, a forma com a qual faziam usos do esporte, na qualidade de conhecimento mais enfatizado nas aulas de Educação Física escolar, promovendo processos de seleção dos mais hábeis, agéis e fortes em detrimento da participação da massa estudantil, quando a visão que persistia nas aulas de Educação Física, durante as décadas de 1970 à 1980, reforçava a ideia de uma educação acrítica, incapaz de propiciar aos educandos olhares para realidade social, a ponto de compreenderem o papel a ser exercido perante essa sociedade.

Essa visão de currículo e, conseqüentemente, de práticas educativas narradas pelos professores de Educação Física que fizeram parte deste estudo, diverge da apresentada nas orientações curriculares, em que as discussões perpassam a ideia da escola como espaço sociocultural e de diversidade, capaz de apresentar, às novas gerações, saberes que possibilitem a formação de indivíduos aptos a intervir na sociedade. A esse respeito o fragmento do trecho das orientações curriculares aponta que:

Pensar a escola como espaço sociocultural nos remete à responsabilidade de refletir sobre qual tratamento dado a cultura estamos defendendo. A escola torna-se, nessa perspectiva, um grande projeto cultural, que apresenta às novas gerações uma gama de saberes, conhecimentos e valores. Mais do que isso, aponta caminhos e instaura relações com o saber, com a cultura e com as pessoas. A escola produz toda uma dinâmica cultural que institui visões de homem, de mulher, de mundo e de sociedade [...] (Brasil, 2008, p. 219).

Com base nas reflexões feitas acerca das orientações curriculares, analisam-se as narrativas dos professores de Educação Física sobre as práticas educativas desenvolvidas no interior das unidades escolares, das quais estão em efetivas regências, atendo-se aos aspectos de seleção de conteúdos e sequências didático-pedagógicas escolhidas.

Para tanto, durante o processo de realização das entrevistas, observou-se a possibilidade de os conhecimentos adquiridos durante o período de formação profissional contribuir para a elaboração das propostas pedagógicas das unidades escolares, tentando-se entender de que maneira se dava o processo de seleção dos conhecimentos a serem enfatizados juntos aos educandos e educandas e, assim, compreender se essas propostas buscavam se aproximar das realidades sociais dos estudantes.

A narrativa do professor Luciano Ferreira Bittencourt¹² possibilitou a compreensão mais aprofundada do pensamento dos professores que o antecederam, sobretudo em relação à constituição dos discursos proferidos sobre os esportes desenvolvidos nas práticas educativas.

Durante a narrativa, o professor Luciano Ferreira explicita que os professores ao enfatizarem os conhecimentos sobre os esportes, tem negado os conhecimentos técnicos das modalidades esportivas nas aulas do componente curricular Educação Física. No trecho da entrevista o professor Luciano Ferreira ratifica a visão que persistia da prática educativa no trato com o conhecimento sobre o esporte, quando diz:

12 Luciano Ferreira Bittencourt é licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB – Campus de Jequié. Professor do Colégio Estadual Luiz Viana Filho no município de Jequié/Bahia.

[...] eu acho que durante algum tempo na Educação Física e ainda hoje, nós temos negado, nós... aí eu me coloco entre os professores que eu não sou melhor do que ninguém, nós temos negado essa questão do... do gesto técnico, do aprendizado técnico das modalidades, né? E aí nós talvez, eh... pelo discurso, por um pouquinho desse discurso da inclusão, de todo mundo participar, nós não filtramos bem esse discurso e alguns, aí entendemos que a... a inclusão, na verdade, significaria a exclusão daqueles que tem um... um... já uma predisposição técnica pra aquelas modalidade esportiva [...] ¹³.

Sob a ótica da negação dos conhecimentos técnicos e táticos dos esportes nas práticas educativas, a narrativa do professor Luciano Ferreira Bittencourt, favoreceu para que se percebesse a construção dos discursos proferidos pela maioria dos docentes do Curso de Educação Física da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, que se contrapõe ao modelo de esporte de rendimento propagado mundialmente, e que se volta para o conhecimento dos esportes pautados em informações de cunho sociológico, contribuindo com a formação profissional de muitos egressos da UESB, que vivenciaram esse modelo de esporte durante a fase de escolarização, acrescentando assim, novos elementos aos conhecimentos previamente adquiridos, propiciando novas reflexões a respeito desse fenômeno.

O fato é que o esporte se tornou referência nas aulas de Educação Física escolar, não somente para os professores da área, como também para toda a comunidade escolar, ou seja, quando se anuncia aula desse componente curricular, muitos atribuem as vivências corporais ao desenvolvimento do esporte, sem, muitas vezes, conferir sentidos e significados a tais práticas, justificado tal comportamento, pela identidade que fora construída da Educação Física como área de conhecimento que tem exclusivamente a responsabilidade da formação de atletas.

Essa disposição do esporte na qualidade de referência em meio a diversidade de práticas corporais existentes, em nível mundial, tem sido comprovada não só nas narrativas dos professores de Educação Física, no decorrer deste estudo, como também nos estudos desenvolvidos por Tabora de Oliveira (2001), conforme afirma:

[...] o esporte tornava-se referência praticamente exclusiva para a prática de atividades corporais no plano mundial, seja dentro ou fora da escola. Isso teria ocorrido em parte, porque numa certa perspectiva o esporte codificado, normatizado institucionalizado pode responder de forma bastante significativa aos anseios de controle por parte do poder, uma vez que tende a padronizar a ação dos agentes educacionais, tanto do professor quanto do aluno; noutra, porque o esporte se afirmava como fenômeno cultural de massa contemporâneo e universal, afirmando-se, portanto, como possibilidade educacional privilegiada (Oliveira, 2001, p. 33).

Em outro trecho da narrativa, o professor Alberto José Andrade Ferreira descreve, com detalhes, aspectos da proposta curricular para a disciplina Educação Física, enfatizando as temáticas que buscam estar relacionadas ao processo de formação dos educandos e das educandas, em especial na correlação estabelecida entre atividade física e qualidade de vida, mas também enfatiza a importância das práticas esportivas nesse processo de conquista dos estudantes. Conforme o professor Alberto José Andrade Ferreira, sua prática educativa baseia-se em dois nortes, quais sejam:

13 Extraído da fala do professor Luciano Ferreira Bittencourt, em entrevista concedida a este pesquisador, em 09 de Agosto de 2014 em sua residência na cidade de Jequié/Bahia.

[...] Primeiro norte que é a Educação Física em forma promotora de saúde, incentivando o aluno a, mostrando o aluno a prática saudável da Educação Física e por que praticar. Mostrando a composição corporal, a, a diferença entre homem e mulher de esporte [...]. E a outra é a prática esportiva, porque eu não posso atingir meu aluno se eu não o trouxer pro meu lado, eu, eu trago pro meu lado com a prática esportiva. Ensino handebol, o voleibol e o basquetebol e o futebol de salão nas quatro, dividido nas quatro unidades, cada unidade eu trabalho com um esporte, né? Com os fundamentos básicos. [...] Então, eu trabalho em cima disso. Demonstrando um pouquinho das regras, como é, fazendo com que ele vivencie essas regras, né? Vivencie bastante esse esporte, comece pelo lúdico e vou..., e vou... aquele lance, né? Generalizada e da, da, de maneira general e analítica, certo? Pronto, eu trabalho assim.

Cabe ressaltar que as narrativas dos professores de Educação Física a respeito das práticas educativas demonstraram que as modalidades esportivas, das quais foram evidenciadas as quatro modalidades coletivas de quadra, assumem o papel de destaque nas aulas do componente curricular Educação Física, ratificando a ideia de que o esporte foi e continua sendo o conhecimento por excelência mais enfatizado no âmbito escolar, transformando as ações contínuas de aprendizagem dos diversos elementos da cultura corporal em um processo quase exclusivo de esportivização dessas práticas educativas.

Esse posicionamento que demonstra o predomínio das práticas esportivas enfatizadas pelos professores de Educação Física em relação a outras atividades físicas, esteve e continua sendo engendrado por políticas de governo e propagadas pelos meios de comunicação de massa, à medida que busca enfatizar a possibilidade de o Brasil estar inserido em um cenário mundial, como potência olímpica, desconsiderando-se fatores de ordem social, imprescindíveis para o desenvolvimento da sociedade, das quais a Educação deveria ser o caminho, em contraponto ao modelo da livre concorrência salientado pelos esportes de rendimento, que são fruto de sociedades que incorporaram o modo de produção capitalista como única via.

Nessa perspectiva, as orientações curriculares para o ensino médio enfatizam a necessidade de se voltarem os olhares para esse processo histórico, para que se possam perceber os discursos que foram construídos, com intuito de justificar a adesão desse modelo de prática educativa em meio ao processo de escolarização. Conforme as orientações curriculares:

O advento da esportivização proporcionou à Educação Física escolar alguns modelos de aulas que eram, sobretudo, cópias das tarefas de iniciação e treinamento esportivo. No caso do ensino médio, ficou configurada a existência de aulas pautadas em: a) ensino de gestos determinados pela *performance* de alguns atletas; b) fixação de gestos, assimilado pela repetição; c) aprimoramento técnico e tático; d) formação de equipes para competições. Ou seja, o objetivo era único: ser atleta em algum nível técnico possível em qualquer conteúdo da Educação Física. Em geral, o ensino de esportes aparecia em suas quatro modalidades mais conhecidas na escola: futebol, voleibol, basquetebol e handebol (Brasil, 2008, p. 231).

Nessa perspectiva, é possível se dizer que a escola não tem produzido conhecimento, mas que ela apenas tem reproduzido os conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade e que, de certa forma, foram e são de grande relevância para o processo educativo, sendo transmitido de geração em geração, o que leva à crença de que tais conhecimentos estão susceptíveis de encontrarem na escola seu lócus de reprodução, desde que traduzam um desejo político de realização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os dados analisados, destaca-se a necessidade de se reconhecerem as limitações inerentes ao sistema educacional brasileiro e às limitações dos profissionais da área, buscando-se superar as visões que persistem da Educação Física como área de conhecimento que se restringe às discussões apenas dos elementos da cultura corporal, em especial o esporte de rendimento, reproduzindo valores das sociedades que adotaram o rendimento, recordes e a competição como caminho, quando se deveria legitimar a escola na qualidade de espaço de discussão e crítica às práticas sociais, cuja lógica está atrelada à lógica de mercado, que defende o rendimento como única possibilidade de ascensão econômica e social.

Observou-se ainda, nas narrativas dos professores de Educação Física, durante este estudo e nas literaturas que o respaldaram, que a produção discursiva sobre um determinado objeto, busca sua efetividade nas estruturas sociais, em que a escola se constitui como parte integrante, podendo deixar vestígios tanto benéficos, a partir do momento em que essa produção de discursividade não segue a lógica da exclusão ou a subjetivação¹⁴ do corpo como uma máquina, quanto aos efeitos nocivos a outros corpos que sofreram as sujeições, onde esse poder e saber se perpetuou.

Saliente-se que a trajetória da Educação Física escolar no município de Jequié foi e continua sendo marcada por práticas educativas pautadas em referência do esporte de rendimento e especificamente nas modalidades esportivas coletivas de quadra e, mesmo que os olhares de alguns professores possam ir além das lentes que seus olhos consigam enxergar, o conjunto desses professores reflete a realidade da maioria das escolas de natureza jurídica pública estadual.

As discussões propiciadas neste estudo, que se propôs a mobilizar as memórias dos professores de Educação Física, na tentativa de se analisarem suas histórias de vida e, assim, identificar e analisar as visões que persistiam e persistem sobre a Educação Física escolar, necessitam de mais pesquisas e aprofundamentos, não somente no município de Jequié, mas, também em outros municípios da Bahia, possibilitando o desenvolvimento de estudos de natureza comparativa, que permitam diagnosticar a realidade da Educação Física no Estado.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Aparecida Bergo. **O descaso com a Educação Física e o reordenamento do mundo do trabalho**. 2009. Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/o-descaso-com-a-educacao-fisica-e-o-reordenamento-do-mundo-do-trabalho/>>. Acesso em: 13 out. 2014.

BOURDIEU, P. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. **Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

14 Subjetivação em Foucault designa um processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, ou, mais exatamente, de uma subjetividade. (ver em Judith Revel – Dicionário Foucault, 2011, p. 144).

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Tradução: Antônio Carlos Piquet e Roberto Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

OLIVEIRA, M. A. T. de. **A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968–1984) e a experiência cotidiana de professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba: entre a adesão e a resistência**. 2001. Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade) – Programa de Estudos de Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

ENGUIITA, M. F. As forças em ação: sociedade, economia e currículo. In. GIMENO SACRISTÁN, J. (org.). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Tradução Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 54-70.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 39. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GIMENO SACRISTÁN, José. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Tradução Ernani F. da F. Rosa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GOODSON, I. F. **Currículo: teoria e história**. Tradução de Attílio Brunetta: revisão da tradução: Hamilton Francischetti; apresentação de Tomaz Tadeu da Silva. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Recebido em: 18 de abril de 2024

Aprovado em: 17 de julho de 2024